

# **SENADO** **Desgaste** **anunciado**

**O GRANDE JORNAL** Algumas situações devem ser evitadas por políticos experientes. A lenta agonia de Jader Barbalho não favorece ninguém. Não auxilia o Senado, nem ajuda o acusado. O depoimento a portas fechadas feriu regras básicas da isonomia. Os três outros senadores foram massacrados em público, com imagens transmitidas ao vivo pela televisão. O julgamento público é inapelável. A casa costuma se dobrar a ele.

Com Jader, cedo ou tarde, vai acontecer a mesma coisa. Senador, que não quer ser citado, dizia isso, durante a sessão comemorativa dos cem anos de nascimento de Pedro Aleixo. Aliás, o mineiro ilustre, saudado por discursos importantes de Francelino Pereira e Pedro Simon, foi lembrado como símbolo da ética e do comportamento ilibado. Aquele senador lembrava, a respeito do presidente licenciado: "Nós não julgamos com base na lei. Somos todos muito sensíveis ao apelo popular". Roberto Saturnino, que foi o relator do processo contra o ex-ministro Antonio Carlos Magalhães e José Roberto Arruda, conheceu de perto a pressão popular. Seu computador quase explodiu com o número de mensagens pedindo a cassação. Ele não mais conseguiu caminhar no calçadão de Ipanema. E foi obrigado a se mudar de casa. A pressão em favor da cassação maior foi imensa. Na medida em que o tempo passa vai acontecer a mesma coisa em relação a Jader Barbalho.

A história é complicada. Tem muitos aspectos a serem analisados e a participação dúbia e estranha do Banco Central no caso. Mas o julgamento popular não leva em consideração detalhes processuais. Vai se formando no inconsciente coletivo. E se transforma em pressão sobre o parlamento. Jader Barbalho, no entanto, não considera o problema. Quer reassumir a presidência do Senado no próximo dia 17 e ameaça assinar o requerimento de convocação da CPI da corrupção. É sua resposta ao presidente Fernando Henrique Cardoso.